

# O CORREIO

DIRECTOR

Jorge Santos

SEMANARIO MONARCHICO

EDITOR

José Antonio Fontes, Sobriho

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Passos Manoel, 177-1.º-Porto

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva  
"Telheiro", Successor—Officinas movidas a electricidade—  
Rua da Ganelha Velha, 70-1.º-PORTO.

Agente em Paris: Alvaro Pinheiro Chagas—6, Rua Duban

Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo, 12

Proprietario—MARIO ANTUNES LEITÃO

1.º ANNO = N.º 17 = AVULSO 20 REIS

Sabbado, 29 de Março de 1913

ASSIGNATURAS—Portugal, Ilhas e Colónias: serie de 53 n.ºs,  
15000 reis—Serie de 26 n.ºs, 500 reis. Estrangeiro: (Paizos da União  
Postal)—serie de 26 n.ºs, 15 francos (ou 15000 reis). Serie de 20 n.ºs,  
8 francos (ou 14500 reis. Brasil: serie de 28 n.ºs, 85000 reis (moeda  
brasileira). Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce 60 reis para  
Portugal, Ilhas e Colónias, e 50 centimos (ou 300 reis) para o estrangeiro.

ANUNCIOS—Na secção de annunciões 50 reis a linha. Nas outras  
paginaes: contracto especial.

## SUMARIO

Um grande homem  
Notas d'um lisboeta—ANSELMO.  
Echos.

A Segunda Incursão Monarchica—JOAQUIM  
LEITÃO.  
Pragmatismo—HENRIQUE DE PAIVA COU-  
CEIRO.

Chronica Militar—SATORIO PIRES.  
A obra de resurgimento—JOAQUIM LEITÃO.  
Moral Politica—EDUARDO LUPI.  
Semana mundana.  
Folhetim—A Chica-Lulu anti-clerical—ANSELMO.  
Carta de Lisboa—RAUL.

## Um grande homem

Dissemos ha tempos, quando da subida ao poder do sr. Affonso Costa, que se fossamos nós, monarchicos, a resolver dentro da Republica a crise ministerial aberta pela demissão do governo presidido pelo sr. Duarte Leite, outra solução lhe não dariamos senão precisamente aquella que lhe deu o sr. dr. Manuel d'Arriaga, aliaz contra toda a logica e toda a coherencia, pois que, chamando o sr. Costa a formar gabinete, o mimoso auctor das *Cartas Sagradas* a si proprio deu um formidavel cheque, que outra coisa não foi entregar as redeas da earanguejola ministerial a quem tinha como programma ideias e propósitos absolutamente oppostos áquelles que o chefe de Estado pouco antes publicamente affirmára serem indispensaveis e urgentes para o prestigio e para os interesses da Republica.

De então para cá os factos se tem encarregado de ir provando dia a dia, quanto teria sido habil da nossa parte chamar á gerencia dos negocios publicos e encarregar da manutenção do prestigio e da defeza dos interesses da Republica, que desajamos vêr rapidamente mergulhada nas sombras do passado, o homem que, como ninguém, tem sabido offender as crencas de toda a gente, desrespeitar os direitos de cada um, agravar os sentimentos de cada qual e defraudar legitimos interesses de todas as classes.

E' certo que da sarabanda final com que ameaça terminar este periodo republicano, sahirá o paiz gravemente combalido e só á sua extraordinaria vitalidade e resistencia, que tem conseguido fazer-o triumphar, através os annos, de tanto desvario, elle deverá o poder ainda, n'um futuro relativamente proximo, desviar caminho, e, fugindo das portas da Morte, enfiar pelos largos e arejados corredores da Vida, como, se o não disse ainda, é muito capaz de o dizer qualquer dia o insubstituivel sr. Antonio José d'Almeida nos seus hilariantes artigos de fundo.

E' certo isto, mas não menos certo é que se apoz o fracasso da segunda incursão monarchica, que algumas almas timoratas ou descrentes consideraram e algumas creaturas espantadiças apontaram como a perda de todas as esperanças de salvação da Patria, o paiz não tivesse tido a ventura de experimentar d'uma forma directa a acção d'um governo presidido pelo sr. Affonso Costa e

sabido do partido que é representado na rua pela Carbonaria, na imprensa pelo *Mundo*, no exercito pelo sr. Xavier Barreto, na marinha pelo sr. Ferreira do Amaral, no commercio pelo sr. Grandella, e em nossas casas pelo moço que faz os recados e pela mulher que esfrega as escadas,—muito provavel seria que as parapatricies do evolucionismo ou as ambiguidades de mais algum ministerio de concentração, levassem o portuguezinho valente a conservar-se por detraz da cortina, espreitando com natural curiosidade se iria por deante a restauração da Monarchia, mas tendo o cuidado de se não metter na contenda, não fosse o caso que a Republica levasse a melhor.

Por mais algum tempo o edificio republicano se iria assim mantendo até que, minado nos alicerces, se iria repentinamente abaixo, quando menos se esperasse, sem que á primeira vista se percebesse bem porquê, e talvez mesmo no preciso momento em que o evolucionismo, delirante e envaidecido, lhe estivesse de novo pintando a fachada para a festiva collocação de alguma lapide commemorativa.

Mas com a chamada do sr. Affonso Costa ao governo as cousas tomaram um muito melhor aspecto para aquelles que nas prisões, embora em meio de tormentos crueis, sonham, não apenas com a propria liberdade, mas com a libertação da Patria, e para aquelles que no exilio, de olhos fitos n'uma negra da terra que o Oceano banha, anseiam, entre amarguras e tristezas, pelo regresso ao torrão onde nasceram e onde jazem entes que lhe foram queridos.

Toda a acção do sr. Affonso Costa tem tido para os que desejam a liquidção final de um periodo de incertezas intoleraes, o alto valor dos... pontos nos i...

A ninguém hoje pode restar uma illusão, pode luzir uma esperança de que seja só... o visinho a perder a liberdade, a ser arruinado, a ser perseguido. Aos que *precisam ganhar* não resta a egoista previsão de que a Republica só attingisse os que tem que *perder*; aos operarios foi desvendado que não eram só os patrões que sofferiam; á agricultura que não era só aos politicos que se tolheriam todas as libertades; ao funcionalismo publico que não era apenas aos padres que se poria o pé no peçoço; aos partidos avançados que não era apenas aos conservadores que se estrangularia a liberdade de opinião; aos pobres que não era só aos ricos que se procuraria esmagar e aos ricos que não era só aos pobres que se procuraria espezinhar.

Com a sua obra tem felizmente demonstrado o governo do sr. Affonso Costa que nenhuma classe poupa, que ninguém logrará escapar-se ao esmagamento pelo seu automovel triumphante.

A situação está posta clara e nitida para todos.

E' precisamente isso é que se estava tornando indispensavel n'este paiz, onde cada qual considera que as cousas não vão tão mal como dizem... em quanto se não mettam com elle e em que cada classe entenda que se não deve incomodar com o que as outras se esteja fazendo... de mau, porque se é de

bom, mexe-se logo para que melhora lhe caiba tambem.

A situação está posta, repetimos, clara e nitida, e esse grande favor devemos-o ao sr. Affonso Costa.

Não ha nenhuma classe que elle não tenha aggravado, cujos interesses não tenha prejudicado, cujos direitos não tenha espezinhado.

Por todo esse paiz não ha ninguém que possa pensar em continuar por detraz da cortina vendo arderem as barbas do visinho, porque ninguém ha que não sinta já o fogo nas proprias barbas. Isso mesmo é que se queria, isso mesmo é que era preciso, para que de vez a situação ficasse definida.

Hoje, graças ao sr. Affonso Costa, todo o paiz, todas as classes, toda a gente vê d'uma forma inludivel que não pode recuar nem mais um passo.

Ora era d'isso mesmo que o paiz precisava que o convencessem.

Muito obrigado, sr. Affonso Costa.

## Notas d'um Lisboeta

### Instrução Militar

Hontem em infantaria 5, aos mandachos que foram receber instrução militar preparatoria, limitou-se essa instrução ao ensaio do côro da *Portuguezia* e á recommendação de que apenas dessem vivas ao sr. Presidente da Republica e ao sr. Affonso Costa.

De um jornal de Lisboa.

Lembrando-nos de que o commandante de infantaria 5 era o antigo monarchico sr. Salsafresca, hoje convicto republicano, procuramolo logo para saber o que havia de verdade na noticia dos jornaes.

—Senhor Salsafresca, dissemos logo que o militar illustre nos recebeu.

—Fresca... fresca... era bem bom, murmurou melancolicamente o antigo chefe do gabinete do sr. Pimentel Pinto, apontando as rugas que lhe sulcam o rosto, cavadas decerto pelas lagrimas ardententes verdadeiras n'aquella caçada aos conspiradores de Cabecellas de Basto, pois claro está que um homem não atraira assim a matar sobre os que defendem o regimen que lhe deu vida regalada, sem verter algumas lagrimas ardententes. Fresca... fresca... isso foi tempo.

Olhamolo um momento e proseguimos modificando um pouco o nosso discurso:

—Pois, senhor Salsafresca, vimos aqui por causa d'aquelle caso da instrução militar lá á rapaziada do seu regimento. Não acha Vossa Senhoria que como instrução militar isso de se ensinar aos recrutas apenas a dar vivas ao Presidente da Republica e ao sr. Affonso Costa, e a cantar em côro a *Portuguezia*... é talvez pouco?

O sr. Salsafresca abanou a cabeça e respondeu:

—Não... Não é pouco... Até pelo contrario é demasiado.

—Demasiado? exclamámos.

—Sim... demasiado, e eu lhe vou dizer porquê.

Levantando-se, foi junto da porta certificar-se de que estava bem fechada, cor-

reu o pesado reposteiro, e voltou para junto de nós.

Depois em voz baixa disse:

—Isto aqui entre nós... hein?... Traçámos no ar, com o indicador, um circulo; marcámos ao meio um ponto e, laconicamente, assegurámos:

—Um poço.

—Bem... Pois acho já demasiada que se lhes tenha ensinado tanta cousa, proseguiu Sua Senhoria.

E, abrindo os braços, com um encolher de hombros, perguntou-nos:

—Para qué os vivas ao Presidente?... Para qué o côro da *Portuguezia*?... Para quê?...

—Talvez para...

Mas o sr. Salsafresca não nos deixou continuar:

—Para qué estar a ensinar aos rapazes cousas que não são precisas? Para qué estar a encher-lhes a cabeça com mais historias, com mais lerias, se basta ao nosso soldado, como instrução militar, que elle saiba dizer, que elle saiba berrar a plenos pulmões: *Viva o dr. Affonso Costa!*

—Ah! Vossa Senhoria considera então que isso basta?...

—E' claro que basta... Qual é a missão do soldado?

—Isso é conforme... A do soldado turco é apanhar bordoadas, a do soldado bulgaro é dal-a, a do soldado portuguez é nem dal-a, nem leval-a, que para isso mesmo é que ha tantos carbonarios a oito tostões por cabeça e por dia.

—Não... não... não é isso, exclamou phreneticamente o sr. Salsafresca. A missão do soldado é vencer o inimigo... Ora para que o soldado portuguez vença o inimigo, nacional ou estrangeiro, basta que saiba dar vivas ao Affonso Costa.

Muito francamente declaramos que não percebiamos, e então Sua Senhoria teve a bondade de nos explicar:

—A causa é simples... Hoje toda a gente sabe tanto cá dentro como lá fóra o que o Affonso Costa tem feito ao paiz... Sim... não ha ninguém que o ignore... Ora imagine que ha uma guerra, quer seja entre portuguezes, quer seja com estrangeiros. Os nossos soldados avançam para o inimigo... E chegados a certa altura desatam todos ao mesmo tempo aos vivas ao Affonso Costa... O que succede?... Sim... o que succede?

E como nós não conseguissemos acertar com o que succederia, o sr. Salsafresca amavelmente esclareceu:

—O que succede?... Succede que o inimigo, que sabe muito bem o que Affonso Costa tem feito, ao ouvir os vivas dos soldados, diz lá com os seus botões: *O quê?... Elles ainda em cima lhe dão vivas?... Estão doidos... não ha duvida que estão doidos...*

E, cruzando a perna e recostando-se na cadeira, Sua Senhoria concluiu:

—E como já o outro dizia que *com doidos ninguém se metta...* é uma debandada geral, e a victoria é nossa.

Olhamolo surpreendidos e recusando um charuto que Sua Senhoria nos ofertava, murmurámos para comosco:

—Pois, Salsafresca, havia no tempo da Monarchia quem dissesse que não eras d'uma espezterza por ahí além... Mas és mais esperto do que suppunhamos.

Anselmo.

# ECHOS

## Cem talheres

O Mundo fez muita troça do sr. conselheiro Antonio José d'Almeida, porque um famoso banquete de dez mil talheres que os evolucionistas diziam que se realizaria no Porto em honra do seu chefe, ficou reduzido ao modesto jantar de cem talheres que se realizou ha poucos dias.

Ora manda a verdade que se diga que o jantar não foi de dez mil talheres, não por falta de convivas, pois para comer e de borla os proprios correligionarios do sr. Afonso Costa se prontificariam a tomar parte no convite,—mas sim... por falta de talheres.

E porque faltaram os talheres? Pela muito simples razão de que não ha ninguém no Porto que não tenha tido conhecimento da seguinte informação da policia publicada, com o titulo: *Queixa de furto, no jornal O Porto*, de 9 de Março de 1911:

«O sr. André Martins, proprietário e gerente do Restaurante do Palacio de Crystal, queixou-se ao commissariado de policia de que nos banquetes realizados (em honra do sr. Afonso Costa) no Palacio, nos dias 5 e 12 do mez findo, lhe furtaram talheres de christallo no valor de 135000 reis, sendo quatro dúzias de colheres de chá e onze dúzias de talheres completos. A queixa foi entregue a policia judiciaria para proceder ás necessarias averiguações.»

Querira talvez o Mundo que os proprietarios dos restaurantes, depois d'um exemplo d'aquelles, chubissem em tomar conta de mais banquetes republicanos em que não fosse possível ter cada convidado vigiado por um creado?... Só se elles fossem tolos!...

Com convidados ainda se vigiam... mas dez mil não.

Por isso o jantar ao sr. Antonio José d'Almeida foi apenas de cem talheres.

Pense o sr. Afonso Costa em que lhe offereçam outro banquete, como aquelles de 1911, e verá se alguém se encarrega de o fornecer sem a condição de que elle, como o que foi offerecido ao sr. Almeida, também seja d'... sem talheres, com perdão do sr. Menção e Costa.

## Sapateiro

Um jornalista republicano, dado ás reflexões philosophico-recreativas, pergunta, de embaraço com a sociedade que lhe parece não estar no devido apuro: *Quem nos affirma que o sapateiro, a quem a estupidez d'uma organizada sociedade, atirou criminosamente para um vão de escada, não é um sabio?*

Apoiado...

Mas ha mais, excellentissimo senhor, ha mais: Quem nos affirma que o sabio, a quem a estupidez d'uma organizada sociedade, atirou levemente para uma academia, não é um sapateiro?

O sr. Cabreira, por exemplo. Não fallando já, é claro, no sr. Nunes da Matta, que esse não o atirou a estupidez da organizada sociedade nem para uma academia, nem para um vão de escada.

Atirou o para o Senado, que não é vão de escada, embora lá se faça cada par de botas que o paio verá se alguma vez as pode descalçar!...

## Fraternidade

Porque, tendo sido um preto o vencedor de umas corridas pedestres ha pouco realisadas, não tivesse havido da parte do publico qualquer comentario menos amavel, conclue o sr. Mayor Garcia que os portuguezes tem o sentimento da equalidade e da fraternidade humanas.

Ora a verdade é que essa demonstração já a tinham dado os portuguezes ha bastantes annos.

O sr. Henrique de Vasconcellos que o diga.

Veio preto para Lisboa, a Monarchia consentiu que elle se apresentasse como mulato e a Republica por fim promoveu-o a branco. Só falta que o elevem agora a farta côres, o que deve ser a ambição suprema de um homem que, sem as taes equalidade e fraternidade humanas, de que falla o sr. Garcia, estaria ainda a estas horas no sertão, de angola no nariz, a furtar bananas.

## Carbonaria

Segundo diz a *Revista Catholica* ha muita gente que desejaria saber quanto custa ao paiz a Carbonaria.

Pois, illustre collega, ha um meio muito simples de o saber: é derrubar a Republica. A curiosidade d'essa gente, que quer saber quanto custa a Carbonaria, é tão grande que a leva a dar-se a esse incómodo?

Parece-nos que não.

E o nosso illustre collega bem vê que um paiz que se não levanta contra os que o opprimem, o vexam e o exploram, e que o não faz nem por patriotismo, nem por dignidade, nem por conveniencia e nem mesmo... por curiosidade, o que tem a fazer, não é perguntar quanto custa a Carbonaria... É pagar e calar.

O mais que se lhe pode permitir é que de vez em quando esboce um gesto de protesto, e isso mesmo apenas para que a Carbonaria se forceja occasião de patentear... que todo o paiz tom médio d'ella.

## Bem feito

Um semanario de Famalicão noticiou que foram chamados á presença do administrador do conceito do padre Joaquim Ferreira de Loureiro e uma velha creada do sr. Antonio da Costa Araujo, o primeiro por ter levantado um viva á Religião Catholica, Apostolica, Romana, e a segunda por ter deixado de comprar os generos de consumo n'um estabelecimento commercial d'aquella villa.

Achamos muito bem feito.

Dar um viva a uma religião que tem perto de vinte seculos e que o sr. Afonso Costa prometteu liquidar em tres tempos e duas garçafes, indica o lamentavel proposito de pôr difficuldades ao programma do governo, procurando fazer com que o chefe não liquido a Religião no prazo marcado.

Quanto á velha creada não vemos que ella possa pagar o seu arro como menos de 8 annos de Penitenciaría e 20 de degredo.

E comprehende-se. Um honrado cidadão abre uma loja para ganhar a sua vida. Como a loja não faça muito negocio, o honrado cidadão entra para a Carbonaria. Como os oito tostões diarios não lhe chegam, começa procurando o que em vez de comparem na loja d'elle vio fornecer-se em estabelecimentos concorrentes. Consegue assim que, por prudencia, muita gente passe a ser seu freguez. E justamente quando o negocio começa a render é que uma velha creada se lembra de respir, passando a fornecer-se n'ontra loja!

Francamente... pôle ficar sem castigo semelhante acto? E' claro que não.

Só fosse permitido que qualquer pessoa deixasse de fazer compras nas lojas de carbonarios ou de amigos do carbonario, não valia a pena ter proclamado a Republica, terá dito, e com muita razão, o negociante famalicenses.

## E' natural

O Socialista indigna-se muito porque foi nomeado para fazer parte do Conselho Disciplinar do Ministerio das Colonias o sr. Eusobio da Fonseca que, segundo recordava ha dias o *Intransigente*, foi accusado de gatuno no Parlamento republicano.

Se assim é o sr. o ministro das colonias é realmente aquella Garçema de Caco descrita pelo sr. Alfredo de Magalhães, não vemos motivo para espantos, pela nomeação noticiada pelo *Socialista*.

Tambem no Limoeiro é um dos presos o encarregado de voar pela ordem e disciplina de cada sala.

## Boato

Dizem as *Novidades* que se affirma que o sr. Alfredo de Magalhães entrará em breve para o ministerio presidido pelo sr. Afonso Costa, indo occupar a pasta do interior, em substituição do sr. Rodrigo Rodrigues que voltará a cumprir a pena na Penitenciaría por não estar vago nenhum lugar em possessões de 2.<sup>a</sup> classe.

Pedimos licença ás *Novidades* para não acreditarmos que a affirmação seja verdadeira... por enquanto.

O sr. Alfredo de Magalhães ainda vae na sua terceira conferencia.

Deixem vir as *Novidades* a quarta conferencia... depois a quinta... e então lhes diremos se o sr. Alfredo de Magalhães, no duello que annunciou com o ministerio das Colonias, ainda lhe vibra o golpe d'uma sexta conferencia ou se se declara *touché*... pela pasta do interior.

Por enquanto ainda é cedo para affirmações como aquella de que as *Novidades* falam.

E a proposito, já que fallamos nas *Novidades*.

Tinhamos ou não tinhamos razão em dizer que era para admirar como Rocha Martins, que é um brilhantissimo jornalista e que estava publicando bellos artigos nas *Novidades*, ainda não tivesse sido, por isso mesmo, posto de banda?

Vejam lá se o deixaram continuar!...

Como Rocha Martins deve ter saudades do tempo em que trabalhava em jornaes onde lhe não levavam a mal que tivesse mais valor e fosse mais brilhante que os outros!...

## Apoiado

Diz a *Republica*, orgão do sr. conselheiro Almeida que *ha paiz que tomar a direcção de um movimento nacional legal que colloque esta Republica (a que governa o paiz) no lugar que lhe pertence.*

Estamos perfeitamente de accordo, e cremos que do accordo está tambem o sr. Afonso Costa em que é indispensavel que se ponha a Republica no lugar que lhe pertence.

E assim o cromos porque ainda ha dois dias visse um jornal republicano da provincia que continha vaza aquella cella da Penitenciaría, que o *Dia* noticiou ser a unica que não estava occupada.

## Jornalismo

O Mundo publicou ha dias a noticia de que na repartição dos Impostos entrará um requerimento do sr. Arronches pedindo o lugar de chefe dos impostos, e sobre essa noticia fazia a gazeta de S. Roque uma larga especulação politica, por ser evolucionista o requerente.

Pois no dia seguinte apparecia uma carta d'esse mesmo sr. Arronches fazendo a proposito da local do Mundo estas *pequenas* rectificações: que tal requerimento não podia ter dado entrada na repartição dos Impostos, pois o sr. Arronches não requerera nem queria tal lugar.

Ha-de confessar-se que, como honestidade do processos jornalísticos, o Mundo deixa a perder de vista a *Correição do Diabo*.

## Espiões e denunciante

A espionagem e a denuncia entraram, com a implantação da Republica, nos habitos do paiz.

D'antes havia uma policia á qual se pagava para fiscalisar e para indagar de quaesquer infracções á lei o de prevenir e evitar a realisação de crimes. Os desgraçados que a essa policia pertenciam eram, ora desdinhosa, ora odientemente, chamados *bufos* pelos jornaes republicanos.

Depois da implantação da Republica já se viu um conhecido medico deixar-se passar por outra pessoa, fingir que era realmente um outro medico a quem um collega desejava fallar em particular, ouvir revelações, ou palavras que como tal tomou, confidencias, aceitar uma entrevista com outras pessoas para poder descobrir quem ellas eram, e em seu lugar manter a policia a quem denunciara as faltas de que,—mercé de uma confusão que elle não procurou logo desfazer e antes prolongou proposadamente,—tivera conhe-

cimento e pelas quaes fez metter na cadeia dois homens, medicos como elle, seus collegas, e um dos quaes está hoje por isso gravissimamente enfermo.

Viu-se isso e não se viu que os jornaes republicanos chamassem *bufos* a esse conhecido medico, que é hoje senador e por signal de que aquelle mesmo senador a quem o sr. Afonso Costa tratou desprezadoramente ha dias no Senado, dizendo-lhe pouco mais ou menos que tinha mais que fazer do que estar alli a aturar-lhe as prelegas.

Viu-se tambem, pelo depoimento de uma testemunha n'um recente julgamento do tribunal de Santa Clara, que o sr. Corrêa Barreto quando ministro da guerra conviñara um official do exercito a desempenhar o papel de espião, fingindo-se monarchoico, e entrando num profundo *complot* para descobrir as suas ligações e tentar comprometer o seu camarada capitão-medico, dr. Carlos Lopes, convite que esse official accetteu encarregando-se da missão.

Não se viu, porém, que os jornaes republicanos chamassem a esse official do exercito, como o não chamaram ao outro, esse medico especialista em doenças do coração, tudo aquilo que chamavam desprezadoramente aos policia da judicaria e da preven-tiva.

Quer isto dizer que na sociedade republicana o papel de *bufo* entrou definitivamente no numero de papéis que medicos ou officiaes do exercito podem desempenhar sem se enlamearem... na opinião, é claro, dos homens do Regimen.

Pois como se fossem ainda poucas as faltas d'esse genero, para degradar e desmoralisar um povo, a Companhia dos Phosphoros appareço agora publicando annuncijs em que incita á espionagem e á denuncia, prometendo recompensar quem lhe dê informações de que resulte a condemnação por fraudes praticadas em prejuizo dos exclusivos que aquella Companhia tem.

Ora para esse serviço tem a Companhia e o Estado os respectivos guardas fiscaes. Fazer esses annuncijs e garantir que será guardado segredo sobre os denunciadores, cria a direção da Companhia, uma *causa régle*, desculpe-se-nos o termo, pois é incitar e contribuir poderosamente para que ainda mais se degrade e se avilte a sociedade portugueza, que tão degradada e tão avilada se tem mostrado já desde a proclamação da Republica, para não dizer desde o regicídio.

Não sabemos quem sejam hoje os directores da Companhia dos Phosphoros e não temos agora meio de o saber da momento. Mas não temos motivo para crer que elles não sejam pessoas de caracter a quem não repugne o que ha de *régle* em semelhante annuncijs, em que talvez nem tenham dado tento.

Pois mandem-n'o retirar dos jornaes que, estamos certos, a maioria dos accionistas da Companhia dispensam bem os tantos por cento e mais que elles podem resultar dos effectos d'esses annuncijs.

Não incitem á denuncia e á espionagem um povo para cujo aviltamento já bastam exemplos, como o de um official do exercito e de um conhecido medico.

## Dívida Publica

Em dois annos os governos da Republica tem fabricado 24.000 contos de titulos da dívida publica, e com elles tem garantido emprestimos na importancia de 40500 contos.

Nos mesmos dois annos a dívida publica augmentou cerca de 32 mil contos, ou sejam perto de 900 contos de reis por mez.

Estes numeros que resultam do relatório da Junta de Credito Publico referem-se a 30 de junho de 1912. De então para cá já passaram nove mezes, o que nos permite, pela media dos mezes anteriores, calcular que a dívida publica augmentou durante esse periodo mais 8.100 contos de reis, ou seja no total um augmento de cerca de 30.000 contos na dívida publica, e mercê da habidissima, escrupulosa e redemptora administração republicana.

E' muito? Sim... é muito.

Mas em todo o caso convem notar que, se durante esse periodo a Republica nem fez caminhos de ferro, nem estradas, nem melhoramentos no paiz, e antes muito pelo contrario tem deturcado o paiz, tudo que havia feito esteja arruinado por falta dos necessarios trabalhos de reparação e conservação, o facto é que os governos republicanos tiveram... viveram... as duas incursões realistas que, dizem elles, custaram ao paiz mil e tantos contos.

Ora isto é importante... Mil e tantos contos de despeza, aliás compensada no orçamento pela economia de 1.500 contos feita nestes tres annos com o desapparecimento da lista civil, são sufficientemente elucidativos sobre o augmento de 30.000 contos na dívida publica.

Só quem estiver completamente obcecado pelo facciosismo politico é que não comprehende que nada ha mais natural e justificado do que ter augmentado a Republica a dívida publica em 30.000 contos, desde que teve de gastar com as incursões realistas mil e tantos contos, despeza essa... que do mais a mais estava compensada pelas economias das despezas com a lista civil da Casa Real.

E' preciso ser justo.

## Verdade historica

A *Nação* a proposito de um discurso do sr. Piconico Celorico quem te deu tamanho bico, illustre deputado evolucionista, diz o seguinte:

«Parece-nos que o sr. deputado Celorico «Gil não foi bem informado. O que o tal director do jornal, que teve a felicidade de não ser perseguido, andou a tratar na noite do 1 de fevereiro de 1908, não foi de revoluções, mas sim de cousa absolutamente opposta a quaesquer actos de força. N'essa noite tragica todo o empenho dos dirigentes republicanos, entre os quaes se conta o tal director, foi de tirar o governo ao dictador e para isso se trabalhou junto dos chefes monarchicos, conseguindo assim levar a coroa a entregar-se nas mãos da veneranda «religião. Assim é que se respeita a fidelidade historica.»

Desculpe o nosso illustre collega, mas a coisa não foi bem assim.

Esse joguinho da *veneranda religião* é um pouco mais complicado.

Por isso diga lá o nosso illustre collega ao sr. deputado Piconico Celorico quem te deu tamanho bico, e diga-o da nossa parte que tu ha que não sabes e eu que sei, *cala-te tu que eu me não calarei*... quando chegar a occasião devida.

## A razão

O nosso illustre collega a *Nação*, transcrevendo alguns periodos de um vigoroso artigo do sr. Alfredo Pimenta, redactor da *Republica*, o contra o sr. Afonso Costa, diz não se comprehender que a *atitude manifestamente violenta da imprensa evolucionista contra a politica destructiva do sr. Afonso Costa, não encontre no Parlamento o eco que era de esperar e que a circumstancia impõem.*

Da parte do nosso illustre collega ha uma ligera confusão.

Não é a imprensa evolucionista que tomou uma attitude violenta contra a politica do governo. Essa attitude é apenas do sr. Alfredo Pimenta que, não se comprehendendo como acceta por chefe o sr. Antonio José d'Almeida, mantém dentro do seu partido uma linha de conduta que dá á impressão de que no evolucionismo ao menos ha um homem que se não desfaz na massa eschephalica do chefe, quando do lado dos contrarios lhe respingam.

O resto é o que a *Nação* tem visto.

Foi o diacho aquelle suizo eminente, com quem o sr. Antonio José d'Almeida se encontrou, não lhe ter explicado muito claramente que, se não tinha animo para a lucta, se deixasse estar socegado em vez de rompêr com o sr. Afonso Costa.

Teria assim evitado a esse pobre diabo a figura que para ali tem andado a fazer.

E não haver ninguém que lhe compre um cão, já que o não compra elle!

Excursão

A Lueta, porque lhe tenha constado que monarchicos dizem que a Republica se irá abaixo sem necessidade de nova incursão, diz que também lhe pareceu de esta vez tudo se resolver com uma... excursão.

Da outra vez a cousa não ficou resolvida, effectivamente, mas não o esperava o sr. Brito Camacho que sempre foi julgando oppurtuna e prudente uma excursão... ao Canada, que é ultima hora substituiu por uma passeada a Paris, por ter sabido a tempo que as cousas não estavam tão feias, como se dizia, não lhe valendo portanto a pena ir tão longe e com tanta demora.

Agora falta de novo em excursão... Naturalmente é outra que, prudente como é, elle premedita para o caso de se lhe afigurar que cheira a chamusco.

Quando foi do 28 de Janeiro, em Lisboa, o sr. João Chagas estava preso. Quando foi do 31 de Janeiro, no Porto, estava preso também o sr. João Chagas. Um republicano que a Lueta conhece muitissimo bem, faz notar, cheio de veneno, que o sr. João Chagas arranjava sempre as cousas de maneira, que quando rebentava uma revolução estava com as costellas seguras dentro d'um calabouço.

Pois papilla-nos que ao sr. João Chagas será dado o prazer de indirectamente se desforrar observando a seu tempo que o sr. Brito Camacho soube arranjar as cousas de maneira que, em rebentando o conflicto formidavel que só quem for coço não vê claramente desenhar-se no descontentamento de toda a gente,—terá as costellas seguras no estrangeiro.

Ondo as terá o sr. João de Menezes, que já por um triz não ficou com ellas n'um feixo quando foi dos tumultos no largo das Côrtes?

Dama das Camélias

O sr. Ferreira do Amaral,—asseguram-n'o varios jornaes,—realizou uma conferencia sobre defeza nacional n'um theatro de amadores e durante o intervalo de dois actos da Dama das Camélias, peça que n'essa noite se representava.

Os jornaes que noticiam o facto, estranham que se tivesse escolhido aquelle local, aquella peça e aquella noite para uma tal conferencia e um tal conferente.

Affigura-se-nos que a superabundancia de pontos de admiração nos caixotins lisboenses leva os nossos illustres collegas a admirarem-se de cousas que não são para surpreender.

Foi publicado recentemente em Paris um artigo em que se demonstrava que a Marguerite Duval, a heroína da peça das Damas, não fallecera da typhica, mas sim das consequências de não ser conhecido ainda n'esse tempo o Depurativo Dias Amado, nem ter sido feita sufficiente publicidade da casa de saude de Faro.

Visto que tal cousa está apurada não comprehendemos que tenha de estranho o ser entre dois actos da Dama das Camélias que realice uma conferencia um illustre estadista politicamente atacado do mesmo mal e n'uma idade em que já não ha possibilidade de cura e em que ao doente só resta ir deixando-se apodrecer até final.

O que aliáz o sr. Ferreira do Amaral tem feito com uma meticulosidade espantosa.

Uma mania

Um qualquer jornal do Fundão,—na ancia de fazer o papel de denunciante, talvez porque lhe parece que a imprensa se não tem rebaixado bastante ainda,—quer por força que o nosso semanario seja uma publicação clandestina e como tal a denuncia ao sr. ministro do Interior, para que este nos mande apprehender os numeros do Correio em todas as terras do paiz, como já no Fundão o sargento da guarda republicana mandou apprehender alguns exemplares que o nosso agente distribuiria pelos assignantes e puzera a venda.

A mania da gazeta em questão não deixa de ser curiosa.

O nosso semanario cumpriu todas as disposições da lei de imprensa, tom sido enviado a todas as autoridades e entidades a quem, segundo a mesma lei, devo ser remetido, publica-se no Porto, é vendido em todas as terras do paiz e distribuido pelo correio em todos os assignantes.

Pois apesar d'isso a tal gazeta do Fundão quer que o sr. ministro do Interior mande apprehender o Correio... por ser uma publicação clandestina.

Temos encontrado na imprensa muitos pobres de espirito e muitos falhos de caracter.

Mas da força d'este do Fundão... é o primeiro. Betuzo-o Deus!

Livros, folhetos e revistas

«O Thalassa»—Iniciou a sua publicação em Lisboa o semanario humoristico O Thalassa, de Jorge Colaço e Severim d'Azevedo. Jorge Colaço é um artista de altissimo valor que da muito alcançou um nome do

tal forma brilhante, que seria ridiculo até o tentarmos-lhe o mais ligeiro reclamo. Caricaturas de Jorge Colaço são sempre um primor de observação, de graça, de arte e de critica.

Severim d'Azevedo é um novo, mas um novo cujo talento jornalístico começado a afirmar-se no Correio da Manhã está hoje definitivamente consagrado como dos mais brilhantes pela sua sempre scintillante e espirotosa collaboração no jornal de Lisboa, a Nação, onde no A' Janelas e nos Echos o brilhante jornalista tem mostrado nobilissimas qualidades de humorista e de finissimo critico, a par d'uma firmeza de caracter e d'um desassombro que de alguma fórma nos são consoladores para a tristeza de tanta coardia, de tanta vergonha e de tanta humilhação por parte de muitos d'aquelles, que nunca se suppriria poderem captular tão desgraadamente.

Jorge Colaço e Severim de Azevedo com o seu semanario O Thalassa, não demonstram apenas que são dois homens de alto valor. Demonstram também que são dois corajosos homens de bem.

«A Voz da Juventude» é uma revista semanal, orgão da Juventude Catholica de Lisboa,

destinada á propaganda da Religião Catholica e que tem como director o sr. Zuzarte do Mendonça, jornalista de ha muito já brillantemente conhecido pelo seu valor.

No numero que acabamos de receber relatei esse nosso illustre collega pomenoriadamente o que se passou com o recente assalto á sede da Juventude Catholica. Essa narração é interessantissima e por si só constitue uma formidavel propaganda, pois ninguém pode deixar de sentir uma profunda indignação contra as violencias e as brutalidades que se commetteram.

É certo que muitas outras violencias como essa se tem committido desde a implantação da Republica, e que nem por isso o paiz tem deixado de estar escondido por detraz das janellas, a tremer de medo, não vá succedendo a cada um o que tem succedido ao visinho.

Mas como é de esperar que o paiz acabe por comprehender que não basta pôr as barbas de molho... na submissão á carbonaria, vá o nosso illustre collega teimando, que já o outro dizia que aqua molle em pedra dura, e o cráneo do paiz é duro como pedra... dura, tanto dá até que fura.

A segunda Incursão Monarchica

OITO MEZES NA GALLIZA

Mettendo á serra



O tenente Satorio Pires, tendo á sua direita o ajudante Gonçalo Meirelles

duas horas. Todos na provincia de Orense, e todos no «partido» de Bande. Olha: em Parade de Valtoira, fica o Mangalde com o 1.º grupo; em Valtoira fica... a fca... .

—O Caio.

—E' isso, o Caio. O 4.º grupo... .

—O' homem! o 4.º grupo é do Caio.

—O 4.º grupo...? Tem você razão, sr. Victor. (E com uma «intencional» encurvadura de recroto) — Saiba vou'atoria que me enganai.

—Mas não pares, não pares que eu não quero perder os homens de vista, nem quero que a noite me encontre aqui.

Deram de andar mais depressa, coaverçando sempre.

—O' Victor, deixa cá vêr se eu encaireiro a situação dos pelotões, ou se já não sou capaz de contar até nove.

—Primeiro grupo... .

—Calisto. Primeiro grupo, commandante Conde de Mangalde, Parade de Ventosa; 2.º, commandante sr. tenente Victor Alberto Ribeiro de Menezes, Cados; 3.º, commandante Julio Ornelas de Vasconcellos, Gendibe; 4.º grupo, Caio, em Valtoira; 5.º, Rebello, em Molinhos de Bande; 6.º, este seu creado, tenente Eurico Satorio Pires, em Mogueimes; 7.º, Braz, em Prado; 8.º, Fiel Barbosa, em Germeade; 9.º, sargento Casavarró, em Porqueiros; e o grupo civil, commandante dr. Alexandre de Albuquerque, em Caballeiros.

—Parece que está certo,—commentou o tenente Victor de Menezes.

—Então quem tem boa memoria para a clinica, n'è' o sr. Satorio, comtanto que lhe deixem dizer a seguir os nomes dos corpos simples. Intorromper não vale.

—Por interromper: que impressão tens tu d'isto?

—Impressão da interrupção do movimento? eu... a minha impressão... (E Satorio Pires agitou a cabeça para responder); Francamente, francamente... não é má! Nos dois combates que tivemos, os Paivantes não fizeram má figura.

—Ah! sim, isso é fóra de toda a duvida. O combate de Cazares, por exemplo, correu muitissimo bem. Nós «tinhamos os nossos homens na mão», e o Conceiro não esmigalhou a cavalaria porque não quis.

—E Viakoes? Elles retiraram com perdas, e nós sem uma baixa. A unica baixa que tivemos foi a mula dos medicamentos, coitadinha, que baixou do pinheiro do Grez á profundas do abyano. Ora desceste dias de marcha, dois combates, afóra as encaramações com a guarda fiscal, nós com homens que mal se pode dizer que sejam soldados, e restricto armamento... .

—E esse má, e com 60 tiro, se tanto por arma, é amador o que se faz.

—Mas esta interrupção de agora? insistiu Victor de Menezes. Eu tenho a impressão de que isto reconsea d'aqui a dias.

—O maximo que esperaríamos é dos dias. Não só o dinheiro distribuido é réz-vés até ao fim do mez, como as instrucções é para não darmos licenças. Depois, o Conceiro não se quer despedir de ninguém... .

—E o ajudante de seantonar os grupos todos aqui pelo partido de Bande, quando a provincia de Orense é tão grande. Se o commandante se quisesse adiar o movimento, a tactica seria justamente espalhar os homens pela provincia de Orense... .

—On até por outras provincias... .

—E a todo o tempo era tempo de mobilizar e concentrar. É certo que os capitães Renedes da Fonseca, Martins de Lima, José Gil, etc., tiveram liberdade d'acção, levando apenas um ajudante, mas isso explica-se pela necessidade

de fracionar a columna em grupos, e, portanto, commandados de tenentes.

—Ora, pois! (concordou Satorio). E acabando de enrolar um cigarro, considero-o como a uma obra d'arte e considero também a situação. O Conceiro espera armas, e estou certo que as obtém. Isto é, obtidas estão ellas. O que eu queria era noticias do Padre Julio, do Grez. Viesses ellas que armas nós háo-de faltar.

—Ouve lá, ó Satorio! Tu, que já vivêste em Mogueimes, deves saber: Mogueimes é o ponto mais perto, a testa de communicação com Ginzo, não é?

—E'. A estrada de Ginzo vai ter á Forja, depois atravessa um caminho de serra até Mogueimes. O' menino, péra um bocadinho para agerair aqui este pedaço de jornal que vai a fazer de meias-solas n'esta bóta... O Conceiro em poupar munhões é um barra, mas para fazer romper calçado á gente nem que fosse socio de alguma fabrica!

Tinhão chegado á bifurcação do caminho para Cados.

—Bem, vamos a embornar: tu amanhã appareces?—quiz saber Victor de Menezes.

Cartas da epoca

—Appareço, prometteu Satorio.

—E se houver alguma noticia do quartel general, como é natural que sejas o primeiro a tê-la por estares mais proximo de Ginzo, mandas lá um homem levar-m'a?

—Está combinado.

—Não havendo noticia, estão appareces tu.

—Appareço, mas de tarde porque eu, já sabes, de noite quando quizerem de mim; agora de manhã, não dá primeira hora do dia é a uma hora da tarde. O meio-dia é o zero da escala.

—Mas não deixes de apparecer.

—Lá appareço appareço.

Victor de Menezes tomou pelo atalho de Cados, e Satorio Pires continuou, com o 6.º grupo, para Mogueimes, sempre por trilho traçoeiro e hostil de Meirelles.

Gonçalo Meirelles, que fóra adiante em «Secção-de-quarteis», alojou os homens, conforme Deus quis e foi servido, pelas lapas de Mogueimes; e o grupo dormiu o somno consolado de quem tivesse encontrado em cada buraca da pobre povoação um palacio de fadas.

Na tarde seguinte um hespanhol corrou o pueblo de Cados em demanda de D. Menezes.

—Está aliém, por cima da tienda!

O ajudante encaminhou-se para a dita casa, perguntou por D. Menezes, e levado ao quarto do tenente Victor de Menezes, vendo-o na cama, perguntou inquieto e interessado: —Está usted enfermo?

—Não, senhor. Estou a enxugar!—respondeu secamente o tenente. Traz noticias?

—De Don Satorio.

—Deixa cá vêr.

E com a sua sobriedade peculiar, Victor de Menezes tirou-lhe o bilhete da mão, abriu-o e leu:

«Victor.

«Aqui te apresento o creado da hermanas D. Rosa—minha actual patrão—, unica pessoa por quem posso mandar-te novas noticias. Eu afinal não posso ir ali hoje, porque após dezesseis dias com a mesma roupa no corpo, e a mala em Lubian, tive curiosidade de a maniar lavar. Arrependi-me logo: a roupa sujou a agua, não sei se a agua limpo a roupa, e, de positivo, só isto apurei—veio esta data de chuva, e o raio da roupa não seccou. Só depois d'amanhã má dá. Sou, pois, forçado a aguardar o letro por dois dias. Os meus homens, os que não estão bebados de somno, estão alojados dos pés ou das botas. Algum que está melhorinho, encontra-se como eu no coradório. Mando-te o creado da D. Rosa para te socojar a dizer que de Ginzo ainda não ha nada. Teu camarada e amigo

Satorio.»

«Necesita usted algo?» perguntou o emissario de Mogueimes.

—Espera. Olha, para não se aborrecer de estar ali sem fazer nada, chégue-me d'ahi de cima d'essa meza, esse livro de capa d'oleado. E esse lapinhos.

E na folha quatruculada que arrancoo a um dos seus inseparáveis cadernos de capa d'oleado, o tenente Victor de Menezes escreveu:

«Meu carissimo Satorio.

«Vejo que estás no mesmo estado que eu: á espera que o bemaventurado sol appareça e só que a unica roupa que avêzimos.

«Tinha-te mandado chamar, porque esta madrugada me appareceu aqui um creado de Magalhães, com um paizre e um contrabandista, portadores d'uns fardos com armas e munhões, que aqui me deixaram, e entre os quizes ven a tal metralhadór, que calcado tu terás curiosidade em examinar.

«Ao mesmo tempo gostava falar contigo sobre este caso de me cahirem em cima algumas dezenas d'armas e respectivo cartuchame, e ouvir a tuu opinião sobre o que resolvi.

«Ainda não recebemos ordem alguma de sahida e espero não a receber tão cedo; calcado que teremos tempo de conversar, claro que depois de havermos ropugnans diferentes d'aquellas que eóbram em estatua do Largo do Quintella.

«Adeus—carissimo Satorio—até breve. Cados 21—X—811.

Teu amigo

Victor.»

Joaquim Leitão.

## O PRAGMATISMO

Veio-nos, do outro lado do Atlantico, uma Philosophia, que é como que a delegação do espirito pratico americano, no dominio das especulações scientificas.

Referimo-nos ao «Pragmatismo» do professor da Universidade de Harvard, William James.

«Pragmatismo» (do grego «Accão») é o nome, e o desenvolvimento, modernos, de conceitos, cujas genealogias o proprio auctor entronca n'essa Mãe illustre dos torneios da Intelligencia, — a Grecia antiga. Mas adiante, que não é d'isto que se trata.

«A verdade de uma Ideia é constituída pelas suas Obras» (The truth of an Idea is constituted by its Workings), — eis a synthese d'esse methodo philosophico.

Ou, n'outros termos, a verdade de uma Ideia verifica-se pelos seus effeitos, e não pelas suas origens. São verdadeiras as Ideias que, levadas á pratica, nos fornecem as realisações previstas.

Isto, traduzido em Politica, quer dizer que os systemas governativos se apreciam pelas consequencias da sua applicação concreta, e não pelo valor, maior ou menor, das theorias abstractas d'onde dimanam.

A «Utilidade», o «Resultado satisfactorio», o «Preenchimento dos Objectivos» desejava-se, — consubstanciavam a «Prora da Verdade», e, portanto, a Caracteristica do Bem, e do Certo, para uma determinada hypothese.

Ajuste-se ao Caso da Republica Portuguesa, e cada um que conclua.

Alimentações escassas, alojamentos abafados, filhos nos accos da penuria, trabalho ao Deus dará, sem confortos no lar, sem seguranças no que está para vir, sem as luzes da cultura do espirito a aboroador-lhes a subida dos Calvarios da existencia, — tal a sorte de muitos dos nossos irmãos portugueses.

Terrenos desertos de gente e plantações, — aguas ao abandono dos seus caprichos improductivos, — braços que não encontram a sua obra, — materia prima que espera por braços, — industrias pallidas d'anemia, — navegadores a ver navios alheios, no alto de Santa Catharina, — tal o aspecto que nos offerecem, a quem e além mar, as forjas enferrujadas da riqueza lusitana, — gementes nas engrenagens, á falta d'azote que baste, presas nas manivelas, á mingua de impulso que valha.

A verdadeira «casa onde não ha pão». Sem appellar para as lampadas electricas da leitura pragmatica, nem para os bicos d'incandescencia dos nossos escriptores economicos, até o proprio Calino, com a sua antiga lamparina dos tres bicos, mesmo apagada, haveria de exclamar, se porventura o consultassem acerca do problema portuguez, que sem comer não se vive, e que quem o não tem, ou trata de arranjar-o com brevidade, ou baixa á sepultura.

A republica, todavia, entendeu o contrario.

Transcreva Oliveira Martins, n'um dos seus livros d'historia, o seguinte officio da camara da Ribaldeira:

«Não somos doutorarios, nem aristocratas; muito presamos Montesquien, mas não é só elle que forma a nossa propria bibliotheca; desde Hobbes até Rousseau, desde Machiavel até Batham (suppõe-se que é um segundo appellido de Bentham) alguns outros temos lido; em nossas aldeias tambem consultamos a historia dos Washintons, dos Trimm-vira (?) dos Neros, etc., etc.»

Os mais vernaculos textos da Bibliotheca politico-social, já na longinqua

data de 1830 e tantos, eram assim manuseados pelo nosso liberalismo municipal da Ribaldeira.

Parta-se, portanto, da Ribaldeira de 1830 e tantos, e das culminancias já notaveis da sua litteratura avançada, e faça-se por ahi uma pequena ideia do que poderá conter-se dentro do cerebro luminoso da actual democracia liboeta.

E feita essa pequena ideia, logo apparecerá, logicamente definida, a razão d'elles, — os pastores da republica portugueza, — comprehendem cousas, que nós — os do obscurantismo, — somos incapazes d'attingir:

Moral sem sanções religiosas; progresso sem dependencia d'ordem; trabalho sem ambientes de paz; governo sem principio d'autoridade; força sem necessidade de disciplina; guerra á Igreja como aliores primario d'equilibrio social; fomento economico, gerencia financeira, credito publico, como funcões minimas de governo, n'um paiz de miseria, e com mais de 40 % das suas receitas empenhadas em pagamentos de juros de divida.

Que alcance o d'elles!

Que atrazo o nosso!

O peor é o Pragmatismo...

A menos que isto tudo não passe de acinte nosso contra o regimen republicano. Acinte em prosa triste, no genero d'aquelles que, em verso alisonante de Victor Hugo, diziam, do gigante Monte Branco, os seus vizinhos de mais modesta estatura:

Il est plus haut, plus pur, plus grand, que nous ne sommes.  
Et nous l'insultions, si nous étions des hommes!

Sim. Talvez seja inveja, que é fraqueza do peito humano. Ou bilis d'exilado. Emfim os leitores julgarto.

Henrique de Paiva Couceiro.

## Chronica militar

Paris, 18 de Março de 1913.

Pouco edificante e até de molde a irritar os nervos d'aquelles proprios que não nasceram francezes, é o espectaculo que o Parlamento da Republica está dando na hora presente.

Ou seja motivado pela recente lei militar allemã ou por quaisquer outros motivos cuidadosamente occultos nas *coulisses* da intrincada politica internacional contemporanea, o que é facto é que o ministerio Briand, ou antes o actual titular da pasta da guerra, Mr. Etienne, entendeu seguir a corrente geral da opinião franceza e a voz de technicos abalados e propôr ao Parlamento a revogação da *Iniciativa Berteaux*, de 1905, que reduzira o serviço activo *sous les drapeaux* a dois magros annos, e voltar á lei de recrutamento anterior, embora com varias modificações.

Ovidio o Conselho Superior de Generaes-composto dos generaes Joffre, Castelnau, Pau, Gallieni e outros — este manifesta-se *nemine discrepantur* — pelos tres annos de serviço. Todas as propostas intermedias — 27, 30 mezes, *renagements* — são consideradas, como palliativos, destinados a nada melhorar a situação, dada como critica pelo general Maitrat no seu magistral trabalho sobre as fronteiras de Leste e de Norte e por todas as sumidades militares da França — entre ellas Tréméan e Lacroix, antigos generalissimos.

Já em 1905, como tivemos occasião de apontar n'uma nossa passada *Chronica*, o generalissimo Hagron, se demittia do seu elevado cargo, por não querer em taes circumstancias, isto é, com a alludida redução do tempo de serviço, assumir as responsabilidades do

commando supremo. As suas cartas, a bem dizer *historicas*, são bem conhecidas, pois ainda ha poucos dias o *Echo de Paris* as tronxe á luz de publicidade, por intermedio do general Kessler, se não estou em erro.

Ora, sendo prospero, como é, o estado das finanças francezas e podendo ellas arcar com o augmento de despeza proveniente d'este acrescimo de effectivos e mais medidas militares propostas — parece que o primeiro dever d'um Parlamento sinceramente patriota, esclarecido e Nacional, seria pôr em execução taes medidas, no mais curto espaço de tempo.

Não é isso, infelizmente para a França, o que se está vendo.

As manobras da commissão parlamentar do exercito são indecorosas e cheiram a *mandarínico*.

Jaurès e Angaquier — radicais e socialistas — queimam cartuchos sobre cartuchos, recorrem a todas as *ruses* para demorar a discussão, para a fazer prolongar... para atirar com a nova lei para o ceito dos papeis velhos.

E ainda falta vêr o que fará o Parlamento, quando ella se disintir. Conhecido é de todos o abominavel *charivari* com que as esquerdas acompanharam a leitura do projecto.

O presidente, Deschanel, chegou, indignado, a pronunciar estas palavras stigmatizadoras:

— «Deixae-os na sua obra; a França que os veja!»

Isto é, acima dos grandes, dos sagrados interesses de Patria, o Parlamento põe os seus interesses mesquinhos de partido, de facção e de seita.

Simplemente vergonhoso!

E tanto mais vergonhoso, quanto é certo que se trata do Parlamento de uma nação de primeira grandeza, d'uma grande potencia, ao qual incumbe olhar os grandes problemas que implicam com a defeza da Patria, com aquella largueza de vistas que, francamente não se pôde exigir do de outras nações de menor peso na balança mundial.

Mas em toda a parte ha *más fadas*, em toda a parte oho, que se negam a vêr a luz, por muito forte que ella seja. Que importa lá o territorio nacional invadido, reduzido, fragmentado pela absorção das suas provincias?

Se acima de tudo estão os miseraveis interesses de seita?

«Antes o estrangeiro que a monarchia» — dizem os nossos republicanos *iberistas*.

«Antes a perda da Patria que a perda da nossa influencia eleitoral» — acrescentam aqui os seus apuniguados d'aquem Pyrenéos...

Mais indicios, sem duvida, para o futuro do regimen, que pôde vir a pagar a falta, de que não é totalmente culpado.

«São nações em decadencia aquellas, que não tem a coragem e o civismo sufficientes para arcar com todos os sacrificios precisos para a sua defeza e independencia!» — já o líamos algures.

Bem sabemos que a França não está perfectamente n'estes casos. Todavia não deixa de impressionar singularmente o estrangeiro, espectador imparcial de tudo o que vai vendo, o contraste, entre o *jogo de regateira*, que aqui se desenrola e o trabalho sereno, dirigido a *objectivo certo e determinado* que au *deld des Vosges*, se vem executando, sem um desfalecimento, com um espirito de ordem e de methodo, que encanta e causa admiração.

Que differença de processos! Mas, na Allemannha, ha a *contade de Um a mandar*, para bem geral. Aqui esse sentimento supremo de auctoridade, acha-se diluido e fragmentado de tal modo, que... é o que se está vendo...

Se de ha muito não tivéssemos um juiz bem formado sobre o que é o Parlamentarismo — maldição de Deus, que

cahiu sobre a raça latina em especial — o espectaculo d'hoje em dia, aqui no Coração e no Cerebro do Mundo, servia para nos *raspar* as ultimas illusões...

Em tempos, a *Recista Militar*, publicou uma serie de artigos realmente bem feitos e devidos á pena do general Moraes Sarmiento (então ajudante de campo de El-Rei e hoje desempennando cargos de confiança da republica). Esses artigos versavam sobre o pouco rendimento de trabalhos dos *Organismos collectivos* na preparação da guerra.

Apoiavam-se em trabalhos de Gustavo Le Bon e tinham como objectivo o Antigo Supremo Conselho da Defeza Nacional, da iniciativa Vasconcellos Porto, com a criação do qual o general Moraes Sarmiento não concordava.

Este *Organismo colectivo*, que se chama o parlamento francez, está justificando na generalidade o que, no caso restricto e especial de que tratava, dizia o antigo ajudante de campo de El-Rei e Ministro d'Estado da Monarchia.

«Muita para e pouca uva» — diz um conhecido proloquo popular da nossa Terra.

E é o caso: Gasta-se a disintir o tempo, que seria de bom e são juizo, dispendir a trabalhar com utilidade e praticamente...

Depois ha scenas d'um comico inexcusable, como, por exemplo, aquella ou aquellas de Jaurès, mettido a disintir problemas de alta estrategia. Insensivelmente vem-nos á mente aquellas palavras inelivaveis do Fradique Mendes, do Eça, na carta a Madame de Jouarre.

«Tudo tende á ruina n'um paiz de ruinas. O architecto que o construiu é deputado e escreve no *Journal da Tarde*, estudei melancolicos sobre Finanças!

O meu procurador em Cintra aconselha agora, para reedificar o Kiosque, um estimavel rapaz de boa familia, que entende de construcções e que é empregado na Procuradoria Geral da Corôa! Talvez, se eu necessitasse um juriconsulto me propozessem um troloha.»

Ninguém concluirá certamente d'esta minha transcripção, que eu pretenda ser a França — *um paiz de ruinas*...

Evidentemente longe de mim tal ideia!

O que eu pretendo é accentuar o ridiculo do *paidado* (vá lá o termo de soldado...) Jaurès a propôr modificações na organisação defensiva da França, a querer ministrar-lhe á *força* os seus *exercitios de milicias, á suissa*. Ideia estambotica que, de resto, germinou nos *joens* cerebros dos Woltskeinhos das margens do Tejo crystalino...

Ao menos, Vaillant é mais coherente e gasta menos palavras, quando na sessão de 12 de março, apresenta no Palais Bourbon, a seguinte moção, *épica* no seu laconismo:

«O exercito permanente é supprimido e organiado o armamento geral do povo.»

... Palavra d'honra que não sabemos como todos os lados da Camara, de pé e em *alta grita* não a aprovaram por *aclamação*...

Mas *au delà des Vosges*, não se pensa assim, de animo leve sobre os destinos da Nação!

Os proprios *socialistas* são patriotas! A França deve ter sempre bem presentes aquellos annos que foram de 1867 a Sedan e a Metz!

Os seus *pacifistas*, como Jules Simon á frente, e os seus parlamentares, votando mas adulterando a Lei Niel, conduziram-na á perda de dois bocados de Carne de sua Carne...

Se a França de 1913 não se emenda — sabe lá Deus que tristes futuros lhe estarão reservados? Não serão os *pacifistas* que correrão a salva-la! A não ser como na celebre scena comica:

«Corro a salvar-te! Corro a salvar-te! E a velha a arder...»

Os sapateiros que façam sapatos. Toque rabecão quem deve saber tocar rabecão!

Bem basta o tempo perdido, em caso de guerra, a discutir, d'chinezia, se as

hostilidades se devam romper...

Bem basta porque... a primeira é sempre do quem dá — segundo o velho preceito dos varredores da feira...

Saturio Pires.

## A obra de Resurgimento

Entrevista com Eduardo Lupi

Para salvar Portugal.

Pequena experiencia.

Um grande exemplo.

—Perdido, Portugal está irremediavelmente perdido! exclamava alguém n'aquella sala triste como todas as salas onde dois portugueses se encontram e se falam no habito instinctivo de prantear a Patria.

—Seriam precisas grandes irrigações d'ouro, uma capacidade sobrenatural para administrar essa cornucopia de metal! aventava outro, no habito fatal de estender os braços para os Messias.

—Que lhe parece, Lupi, o senhor que já administrou, que já governou, diga: ha remédio para o lastimavel estado financeiro português?

—Eu administrei um pequeno barco, a Zambesia Portuguesa.

—Tanto melhor para nos poder dar a sua opinião sobre a doença d'um paiz pequeno. Encontrou prosperidade, desalago?

—Ao contrario: encontrei dividas.

—E' a vida portuguesa: não se vive do credito, vive-se da divida em Portugal—os individuos e a nação. A receita tem duas verbas: oitocentos mil reis d'ordenado e quatrocentos mil reis de dividas: resumungo um patricio.

—Ora o sr. Eduardo Lupi vae-nos contar a sua administração como governador da Zambesia Portuguesa. Lançou empréstimos?

### Os Processos adoptados

—Deus me livre! respondeu Eduardo Lupi.

—Lançou novos impostos?

—Não, senhor.

—Vendeu colonias?

—Sou portuguez! repeliu sôcamente E. Lupi.

—Ora, então, faça favor de contar, como transformou as dividas em creditos, milagre muito maior do que transformar as rosas em pão.

—Quando tomei conta do districto, (encontrou Eduardo Lupi em historiar) encontrei-o fortemente individualizado e com os cofres vazios de todo. No decurso dos primeiros deztoze mezes da administração acabei de pagar todas as dividas e, ao completar o meu segundo anno de governo, tinha em caixa um saldo de 59 contos. As receitas não augmentaram...

—Eu cá não sei fazer d'esses milagres! commentou azedo um dos presentes que como todos os portuguezes tem um plano infallivel, seu. Para a contra-rotação, e um plano financeiro, seu, o unico executavel.

—Deixe ouvir! pedimos nós.

O outro encobriu os hombros e o azedume, e chupou a boquiha com pipó de metal, tão inerático como um habitante da terra ao ouvir falar ha vinte annos de navegação aerea, ou como um habitante de Lisboa ao ouvir falar de aeroplanos depois de ter visto encaixotar os dois que foram parar ás arrecadações do Arsenal.

Eduardo Lupi continuou serenamente:

—Não tendo as receitas augmentado porque, pelo contrario, continuaram a decrescer, devo este modesto successo ás reduções da despesa que consegui fazer. Na ultima gerencia completa, anterior á minha posse do governo (1905-1906) a receita fora do 359 contos e a despesa de 402: deficit, 43 contos. As mais recentes contas da minha administração (1908-09) mostram 342 contos de receita e 317 de despesa: saldo favoravel, 25 contos; redução das despesas em tres annos de gerencia 85 contos ou 24%.

Como primeira medida, ao tomar posse do governo, mandei pagar quantas dividas pudessem ser saldadas com a primeira renda dos Praços que me entrou em cofre—não podendo ganhar outra coisa, restabeleci o credito do districto.

—Bonita obra! ficar sem cinco reis em caixa tornou o outro a resumungar.

—Assim desprevidendo, para uma doença! exclamou alguém bem humorado.

Eduardo Lupi replicou, prompto.

—Meus caros senhores! A situação de não ter dinheiro em cofre tem um effeito certo e valioso, qual o de evitar que nos peçam coisas: bem estou sentindo ainda, na situação

opposta, quanto era difficil defender-me do cerco em que me apertaram necessidades rozes ou suppostas mas todas tornadas urgentes desde que consta haver saldo. Espelhei com a penuria enquanto me foi possível, pagando primeiro as contas que andavam na praça, restituindo depois ao cofre dos depositos os levantamentos feitos, sempre com o proposito de evitar que as receitas ordinarias nos fossem escoando pelas verbordeadas das requisições apresentadas pelos servicos não reproductivos. Entretanto a redução ás despesas, não sómente recusando autorisação para muita coisa dispensavel, como tambem supprimindo servicos e despedindo pessoal.

Vi, ao chegar lá, que não estava em execução um unico melhoramento reproductivo; conclui, de um pequeno calculo, que a população local estava pagando quanto podia e mais que devia; vertiquei, pelas contas da Fazenda, que a receita estava sendo inferior á despesa; e constatei pelo primeiro balanço a que assisti que, além de se dever bastante e de não haver um real de disponibilidades, já se tinha entrado largamente por fundos alheios—os depositos classificados diversos em tecnologia fazendaria. Era evidente a necessidade de reduzir o panno á barcaça do Estado para nos livrar do eschoço sobre o que nos arrastava aquella ná bordada.

—Vá em dizer isso lá em casa á minha mulher que tenho que ouvir! exclamou uma victima dos saldos dos armazens de modas.

—Um cirurgião não se commove com os queixumes do operado! retorquiu outro.

Eduardo Lupi deixou passar os apertes e retomou a palavra, vendo-nos a nós especialmente interessados:

—Não julgo possível augmentarem-se em numero ou aggravarem-se em encargos os impostos que actualmente peçam sobre a comunidade. Em synthetica comprehensão do problema tributario ha que considerar, sob o seu aspecto economico, sempre o mais importante, a necessidade de facilitar o apanhamento de lucros a quem trabalha, de deixar ficar dinheiro nas algibeiras do que produz, para que esse dinheiro fructifique e assim amplo a riqueza publica em expontaneo empreendimento e em constante giro.

Se as receitas não chegarem para as despesas corte-se por muita excessencia que realmente existe, reduza-se o excessivo funcionalismo, proporcione-se a dotação de cada servico ao seu rendimento utilitario, seja-se surdo aos clamores que vibram de todos os rumos do quadrante burocratico por melhoramentos, excentras, aperfeiçoamentos dos ramos da administração, sem duvida bem lembrados, até certo ponto vantajosos, relativamente necessários, mas que podem ser aliados para épocas mais desafogadas e que portanto devem ser inexoravelmente recusados enquanto ellas não surgirem.

—Se eu, para poupar, deixasse de semear, havia de ter muito que colher! philosophou um agricultor nacional.

Bem se sei replicou E. Lupi. E' pouco popular, apelada da mesquinha, uma tal politica, essencialmente constructiva a despeito da sua salientada apparencia de negação, mas é a unica que convem á formação de um paiz novo—ou á salvação de um paiz velho. De resto, o senhor não pôde deixar de se lembrar as suas terras, mas pôde ainda a sua installação electrica, os seus projectos de forrar de novo o seu escriptorio particular, andar o que pôde esparar. Eu tambem não deixei de semear no districto do meu governo: não houve paralysação do trabalhos uteis. Deixei concluida a occupação do districto, com successo, tendo sido inteiramente liquidadas no meu primeiro anno de governo as duas questões pendentes: a da supranção na valle do rio M'lela posta em cheque pelos desastros do começo de 1907 e a da conquista e é o termo justo, dos extensos territorios, mais de 25.000 kilometros quadrados, que o decreto de 25 d'abril d'essa anno aggregou a Guinéa. Além dos vencimentos do pessoal despendiam-se apenas 4.500.000 reis em voz dos 400 contos que a execução das propostas do meu predecessor exigiria. Fez-se o completo estudo e projecto do caminho de ferro

do Lomo no que se despenderam apenas 4 contos de reis. Abriam-se 1.078 kilometros de estradas carreteras. Montaram-se 189 kilometros de novas linhas telegraphicas. Reconstituíram-se e puzeram-se a vapor tres boas lanchas a vapor. Elevou-se a dotação do servico de Obras Publicas de 13 a 25 contos de reis. Propuzeram-se simples e viaveis remodelações administrativas cuja adopção resultaria em uma redução de 120 contos nas despesas, apesar de estas haverem já baixado a 317 contos, e uma elevação de receita, garantida minima, de 25 contos annuaes.

Quando Eduardo Lupi acabou de dizer estas palavras, o microgram nacional que o ouvia parou impressionado. E, de cada cadeira, sahi um adepto, ansioso de discutir, com o distincto e leal official da Armada Real Portugueza, o esse plano financeiro.

Mas Londres apagou inexoravelmente as luzes á meia noite. A luz electrica já se apagara o minuto da praxe, um quarto de hora antes das doze, em leal aviso, e cada um correu para os agasalhos, marcando para a noite seguinte novo encontro e nova discussão.

O portuguez é assim: nasceu para a opposição. Discutir para elle é o que a vida tem de melhor.

Joaquim Leitão.

## Moral politica

Democracia, como systema de governo que pretende conferir todos os poderes na elaboração das leis e de effectivo governo da nação á maioria, é uma falacia e um mytho dos ignorantes, é uma ficção grosseira dos ambiciosos que, desejosos do poder e da notoriedade, do maximo do poder sobretudo, procuram obter uma e outro agitando as massas do numero, espançados em sobrelevar-se na testa da vaga. O absurdo, demonstrado, dos seus principios, de todos em conjunto e de cada um em particular, faz com que face a face com a realidade das cousas um governo rotulado de democratico se não differença de qualquer outro senão em ser incomparavelmente peor—derivando-lha a ruindade do vicio da mentira original sobre que foi erguido.

Como se mostrou n'esta serie de artigos, um governo democratico nunca poderá ser o que pretende ser: o governo da maioria em beneficio d'essa mesma maioria. E não o será porque, á uma, essa maioria deverá, por definição, ser o aggregado de todas as incapacidades politicas, a negação de todos os dotes excepcionaes que a governação de um paiz reclama; á outra, porque a tal maioria democratica, exceptuados alguns berros de negação, nunca poderá ter unanimidade de pensar e do sentir. A ideia democratica é, pois, inteiramente falsa. Amanhã, como hontem e como hoje, o governo, isto é, a elaboração e a administração das leis, será pertença e função de oligarchias: as oligarchias politicas.

E sempre assim acontecerá enquanto a humanidade subsistir como a conhecemos e como infelizmente se quiserem, sómente podemos concebê-la.

Se com as linhas que acabamos de traçar conseguirmos o nosso proposito de demonstração, se a força e a verdade da convicção conseguirmos sobrenadar ás insufficiencias prosodicas de quem nunca fez profissão d'escriptor e só vem hoje a publico movido por um sentimento de dever, poderá dar-se o caso de haver quem na nossa terra de fatalistas pense que, embora as cousas sejam realmente como ficaram apontadas, não valha a pena nem seja conveniente aos interesses do paiz fazer-se qualquer esforço por alteral-as.

«Se—dirão—os republicanos nos mostrarem ao prometterem-nos a democracia, paciencia: a experiencia está feita e servirá, enquanto d'ella conservarmos recordação, para não voltarmos a praticar actos revolucionarios causadores de desgraças cuja

reparação, mesmo no que é possível, é morosa e cara.

«Os governantes actuaes constituirão, tanto como os da monarchia, uma oligarchia politica. Seja; conformemo-nos com elles e creemos em torno das suas pessoas uma intensa corrente de opinião publica que os compila a abandonarem essas questões de mero doutrinarismo politico cuja inanidade ficou demonstrada para se dedicarem aos problemas de verdadeiro interesse economico e social. Porque, afinal de contas, se estes homens da republica não são precisamente um a um os mesmos da monarchia, em todo o caso proveem pouco mais ou menos do mesmo meio, tem habilitações legaes identicas e surgiram tambem da tal minoria dos mais habéis, como o prova o facto de haverem conquistado o poder derrubando aquellos que o detinham. Tendo de abandonar o nosso sonho democratico e de aturar a dictadura administrativa de uma classe de politicos, tanto nos faz supportar uns como os outros. E quanto aos credos oppostos que as duas facções rivaes advogam, visto que o monarchico já para nós não tem a sedução da novidade e que o democratico se nos revela fallaz, o melhor é não nos preoccuparmos mais com taes abstracções. Desilludidos de promessas mirabolantes não queremos mais experiencias: se algum desejo temos agora, esse será o de conservar o que está, mediocre como é, porque a recente provação acaba de nos patentear quantas ruinas causa uma mudança violenta.»

Este raciocinio, que não podemos perflhar, mas que nos esforçamos em reproduzir com toda a boa fé, até ao ponto de n'elle transcrevermos argumentos que tem sido oppostos á nossa intransigencia por pessoas queridas pelas quasi; temos a maior deferencia, não pôde colher por uma simples razão: porque não toma em linha de conta um factor sobre todos importante, verdadeiramente primordial, na vida dos povos: a moral politica.

Com esta maneira de dizer não temos tão sómente em vista aquelle aspecto restricto da moralidade da acção administrativa cujo limite inferior é definido pela letra do codigo penal. Encaramos a larga questão da moral do Estado na complexa acção e reacção que dia a dia se exerce entre este e os individuos. Que essa base moral existe, é ponto incontestavel. Seja elle considerado como fór, o Estado é, em ultima analyse, o summatorio de todos os seres que compõem a nação. Tão arraigada em nós anda esta noção da sua essencia que, para melhor a concretisarmos, aos nossos proprios olhos como aos de toda a gente, nacionaes e estrangeiros, de variadas maneiras porfiámos até em personalí-los. Não dispensamos um homem como seu chefe. Se derrubamos um Rei apressamo-nos em eloger um presidente. E, mais curioso ainda, tomamos em empregar sempre, como symbolos das instituições, objectos de uso humano; se despedaçamos uma corda, corremos logo a talhar um barrete phrygio: como a dizer que se nos não serve um regimen sem cabeça, tão pouco o queremos mesmo desacapaçado.

De tudo isto resulta que, quando esses seres que collectivamente compõem a nação, um a um criticam e julgam a acção politica que o Estado exerce, fazem-n'o applicando o seu criterio de moralidade pessoal o que necessariamente importa para o Estado a obrigação de se conformar a tal criterio. E assim é que se comprehende como com quanta verdade se diz, que fóra do regime da moral não ha bem estar possível para nenhum povo. Um estado de cousas que vá do encontro ás consciencias é intoleravel e não consegue perdurar. Pôde uma fracção da população, a esomalha d'esta, regosijar-se

com elle e querer mantel-o, se a sua depravação der largas aos eternos instintos brutos da humanidade, que isso não impede, antes na realidade promove, o resentimento dos restantes indivíduos e intensifica o desejo de lhe pôr termo.

A estreita interdependência dos indivíduos para com o Estado, a complexidade das acções e reacções que entre ambos se produzem, á medida que vão sendo mais bem conhecidas, tem crescentalmente exaltado a importância da moral politica, guiando-a na actualidade a um grau muito superior áquelle que usualmente é attribuido a esta questão espirital em demasia atirada para um plano secundario pelos espiritos pouco dados á reflexão.

Faz bo politica e terá bons negocios, é o dictado vulgar com que a experiencia accumulada de milhares de gerações expressa a necessidade essencial da sujeição do Estado a uma solidã moral politica. A inversa ainda se torna mais frizante. Da má politica resultam, a breve trecho, pessimos negocios: bem o sabem todos os estudantes de historia social, bastos exemplos estamos todos nós observando pelo mundo inteiro.

Ora uma politica iniciada sobre a promessa de um absurdo tão grosseiro como é o da democracia em acção e que, mesmo depois de patenteadas as mais frizantes provas da sua essencial falsidade, seja mantida pela descarada violencia, simplesmente porque a facção que por fraude se apoderou do poder n'elle se quer conservar, é, incontestavelmente, uma politica immoral e portanto uma politica má cujos resultados terão, necessariamente, do ser nocivos. Não haja sobre isto illusões.

Eduardo Lupi.

**PERFUMARIA BALSEMÃO**

Rua dos Retrozeiros, 141

TELEPHONE, 2-777

LISBOA

15 FOLHETIM DE «O CORREIO»

## A CHICA

LULU ANTI-CLERICAL

Com as amendas começava para mim um novo periodo de tormentos.

A Chica, muito religiosa sempre, mes muito mais ainda depois da lei de Separação que ella lá no fundo não percebia bem o que fosse, e que se fosse o que ella imaginava e dizia, nada seria do que é, e até seria talvez muito menos disparatada, violenta e irritante do que a fez o sr. Affonso Costa. — A Chica, dizia eu, logo que me confessarias appareciam as primeiras amendas denunciando a aproximação da Semana Santa, agarrava-se á *Nação* e todas as manhãs estudava largamente a secção religiosa para dividir, de entre aquellas em que havia cerimonia solenne ou sermão, a igreja a que iria n'essa tarde.

Eu, pelo meu lado, embora fosse pouco dado á leitura de jornaes, tambem todas as manhãs, chegada essa epoca, lia o orgão jornalístico do partido do sr. D. Miguel, para palpitar qual seria a igreja a que me levaria n'essa tarde o meu amor pela Chica.

Não sei lá como o diacho da raparigarranjava as cousas, que a igreja que ella escollia era sempre aquella que mais longe ficava do sitio onde eu tivesse de ir n'essa tarde, e assim era já sabido que eu tinha de gastar os cinco tostões d'uma corrida n'um *bafeador* ou que apañar uma estafa, para estar a horas, antes que a Chica chegasse, á porta da igreja que ella n'essa manhã destinára ás suas devoções.

Quasi sempre em chegava antes da cerimonia ter começado e a Chica pouco antes de ella terminar.

## SEMANA MUNDANA

### Familia Real

Suas Magestades El-Rei D. Manuel e a Rainha Senhora D. Amelia, a convite de lady e lord Conventry e acompanhadas pelos srs. Marquez de Soveral e Conde de Figueiró, passaram alguns dias da primeira quinzena de Março, em Croome-Court, no Condado de Worcesterhire. Suas Magestades assistiram ás corridas de cavalos em Cheltenham. Nesta cidade, á passagem de Suas Magestades, o Lord-Mayor dirigiu-lhes uma allocção de cumprimentos.

Entre os convidados de lord e de lady Conventry, estavam lady Dubley, sua filha e seu filho, duquesa de Beaufort, lady B. Smith, lord Rosebery, lord Ribblesdale, lord Londanderry, general Maxwell, lord Septon, etc., etc.

No seu palacio de Great-Cumberland Place, em Londres, offereceram lady e lord Carlos Beresford um jantar a Sua Magestade El-Rei D. Manuel, no dia 10 de Março. Ao jantar assistiram a princesa Lichnowski, os embaixadores da França, da Austria e da Italia, marquez de Soveral, duquesa de Rutland, duquesa de Beaufort, lady Diana Manners, Earl Howe, condessa de Essere, condessa de Minto, lord Farquhar, lady Stamfordford, lord Alexandre Thynne, lady Alington, Evan Charteris, Arthur Stanley, Luiz Mallet, W. Tyrrell, Iahn Malcolm, Edward Gosse, Percy Granger, C. Hunter, etc., etc.

Depois de jantar houve uma reunião intima, no decorrer da qual o grande artista executivo varios trechos selectos da *Elletra* e *Kosien Kavaler*.

Além dos convidados ao jantar assistiram a essa reunião, entre outras pessoas, o embaixador da Alemanha, duque de Manchester, lady Helena Vincent, lady Cynthia Graham, madame Peto, lady Tree, etc., etc.

### Os nomes

*Dize-me como te chamas e dir-te-hei quem tu és...* parece assim á primeira vista uma das pittorescas sabidas do amigo Banana.

Pois não é, porque não é o que imaginam. Trata-se muito simplesmente de dizer, sabido o primeiro nome de uma pessoa, quaes são as suas qualidades e os seus defeitos dominantes e para que o possam conhecer, vamos habilitar os nossos leitores, e sobretudo as nossas leitoras, pois é em geral ás senhoras que mais agrada este genero de conhecimentos.

Comecemos pelo nome de Helena, porque... porque por algum nome haviamos de começar.

### Helena

Ora, com perdo das Helenas que só tenham as qualidades que vamos apontar sem que tenham os defeitos que temos de enumerar, ha no nome de Helena uns certos effectos... atavicos. A primeira Helena grega, a que fez toda aquella tralha da guerra de Troia, transmitiu a todas as que usam esse nome um tanto ou quanto da

sua belleza fina e regular, mas tambem uma certa levandade inconsciente. As Helenas effectivamente são fracas perante as suas paixões e tem um senso moral bastante vago. Contudo a quem as vir parecerem ter um espirito ponderado tão calmas são e tão pacato parece o seu raciocinio. Mas na realidade o seu espirito tem por vezes ideias extravagantes, originaes, resultantes d'uma imaginção sonhadora e imprecisa. Tem aptidões variadas, mais para cousas intellectuaes de que para cousas positivas, e ha n'ellas um pouco de tudo: gostos ensulismo, um vago idealismo poetico, um certo sensualismo mais ou menos delicado.

São sensiveis, boas e caridosas, mas não muito pouco expontaneas e não são dadas a expandir-se; commovem-se pouco e sabem manter-se serenas como se nada as interessasse particularmente. Comquanto não sejam muito vivas, nem arrebatadas, nem sempre tem um caracter facil... de aturar; são muito susceptiveis, muito obstinadas, e com qualquer cousa se melindram. Tem maneiras doces, amaveis, graciosas; um porte ativo e distincto, um tanto reservado, com o que se dá de indiferencia. Sabem occulter admiravelmente as suas impressões e os seus pensamentos.

Não são nem timidas, nem andaciosas ou provocantes, nem exuberantes, nem mesmo muito alegres. A sua franqueza é variavel e soffre a natural influencia da sua fraca energia e do seu senso moral indetermindado. Tem a noção do bem e do mal sem que contudo possam sempre orientar-se mais n'um sentido de que n'outro.

Dotadas d'um temperamento neuropathia, sensual e voluptuoso, sem serem apaixonadas, as Helenas procuram e desejam o que não podem ter, nem sempre sabem o que querem, e commuto sentem uma grande aversão a affectão, de attentões e de homenagens.

Gostam de distracções, de prazeres de toda a especie, de todas as satisfacções positivas da existencia. São bastante caprichosas. Tem uma vontade fraca, desegual, obstinação nas ideias, mas não procuram impol-as. A sua energia é constantemente variavel, como o seu ardor e a sua actividade.

Como veem o feitiço das Helenas é sympathico, sim, mas indefinivel e nem sempre bem equilibrado. Pode resumir-se nestas palavras: *coração afetuoso, vontade apathica, imaginção em busca do ideal e sentidos orientados para as satisfacções materiaes.*

Se quizerem ainda podemos resumir mais e dizer: *as Helenas, em geral, são boas raparigas... mas tem tilla.*

### O vestido

Como queria o vestido novo para o fim da semana a Emilhina esse é costumeira:

—Preciso do vestido para terça-feira. Tenho um jantar de cerimonia n'esse dia. Não he quer mentir dizendo que preciso do vestido no domingo ou na segunda-feira. Não... Confio em si e digo-lhe com verdade que só preciso d'elle

na terça-feira... Mas quero ter a certeza de que me não falte com elle.

—Pode estar descansada, minha senhora. O vestido lá está na terça-feira.

—Até ás seis horas, o mais tardar, hein?...

—Sim, minha senhora.

—E' que eu não tenho nenhum outro que me sirva para esse jantar. Se me falta com elle, não sei o que hei-de fazer... Veja lá...

—Pode ter a certeza de que ás seis horas o vestido está lá em casa.

Dois dias depois a Emilhina foi á ultima prova do vestido e como he parcesse que elle não estava muito adeantado, assustou-se com isso, e de novo reconheceu com as suas recommendações: —Veja lá não me falte... E' na terça-feira o jantar... Por amor de Deus tenha-me lá o vestido ás seis horas, o mais tardar... Acredite no que eu he digo... Olhe que não estou a enganar-la... O jantar é na terça-feira... Posso mostrar-lhe o convite, se quizer... Se não tenho o vestido na terça-feira, até ás seis horas... não sei o que hei-de fazer.

—Oh! minha senhora... pode ir descansada. Na terça-feira a Emilhina depois d'um dia inteiro passado em visitas e em passeios, volta para casa ás oito horas, e logo de entrada pergunta á creada que veio abri-lhe a porta:

—Ainda não trouxeram o meu vestido?

—Ainda não, minha senhora.

—O quê?... Ainda não!... Ah! mas isto é demais...

Nesse momento batem á porta, e uma raparigota, empregada da modista, entra com o vestido.

—Diga lá a senhora, exclamou a Emilhina mal si viu, diga lá a senhora que isto é uma vergonha!... Dizer-lhe eu que o vestido era para hoje... que era hoje o jantar a que tinha de ir... prometter-me, garantir-me que me teria aqui o vestido ás seis horas e afinal de contas só m'o mandou a estas horas...

E a Emilhina, nervosamente, consultava o relógio:

—A estas horas... quasi ás nove horas!... Ah! as modistas!... as modistas!...

A raparigota esfoguetada pousou o vestido sobre um sofá e sahio, acompanhada até á porta pelas recommendações da Emilhina que lhe repetia:

—Veja lá, não se esqueça... que é uma vergonha, que isto não se faz a ninguém, e muito menos a uma fregeza como eu... não antiga.

E de repente fechou a porta.

Depois, ainda nervosa, voltou para a sala onde o marido resignadamente esperava que ella se resolvesse a mandar pôr o jantar na mesa.

E foi só ao fim, quando começava tomando o café, que a Emilhina por ponto no assumpto, exclamando:

—Olha se eu he tenho dito que o jantar é no sabbado!...

E desde que ha fregezas e modistas que umas ás outras assim vem enganando-se mutuamente; as modistas porque sabem que as fregezas pedem sempre os vestidos para mais cedo de que precisam; as fregezas porque sabem que as modistas só dão os vestidos mais tarde do que promettem.

L.

Eu, mal a vi com o animal, senti um baque no coração... D'alli vinha tolloes grossas ou maçada. E accertei, porque a Chica, logo que depurou commigo e antes mesmo de me agradecer as amendas, estendem-me a correeira a que trazia preso o cão, e disse-me com aquelle tom terminante que ella tomava sempre que me in pingia alguma estopada:

—Toma conta do Lulu enquanto eu vou com a tia á igreja.

E, inutil é dizel-o, nem esperou a minha resposta.

Para alli fiquei, solitario e triste, agarrado momentaneamente a correeira que prendia o Lulu, enquanto lá dentro a Chica, ao lado da tia, ajoelhada, n'aquelle recolhimento em que tanto me entrecencia vel-a, rezava as suas orações e escutava o sermão.

Assim estive um bom quarto de hora, durante o qual o Lulu se portou, devo dizel-o, com uma perfeita correção. Mas a imagem da Chica, lá dentro, airosa e gentil, começou de se vincar no meu espirito, e eu, na ansia de a ver, de a contemplar, não resisti... Chaméi um gallego, prometi-lhe um tostão, para que me tomasse conta do Lulu, recomendei-lhe o cuidado com o animal, e entrei no templo.

A Chica lá estava adiante, com aquelle arzinho grave e recolhido que ella tomava nas egrejas, rezando. Entrecomeadamente deixei-me estar olhando-a, sem que ella me visse, e lá dizendo do mim para mim quanto ella era linda, quando da repente, lá do adro, me chegaram, mudas e claras, latias enfurecidas que logo percebi serem do Lulu.

A Chica, lá no meio da nave, tivera um sobresalto e bruscamente voltára a cabeça para a porta. Eu, preoccupado, dizendo mal á minha vida, ao gallego e ao Lulu, escapulime logo por entre a multidão, para que a Chica me não visse e para correr a vér porque eram aquelles latidos.

Al! pobre de mim!... O maldito gallego, correligionario do sr. Affonso Costa e livro pensador como o sr. Felipe da Matta, estivera-me provendo o animal, e eu fui dar com ella a ativar o Lulu contra uma velha que sahia da igreja:

—Kss!... Kss!... Kss!... que é thalassal... E o Lulu, enfurecido, ladrava, ladrava,

engunçava a velha, do chapéo de chuva em punho descompuñha o moço o ameaçava o cão.

Corri a pôr termo ao escandalo, descompuñza o gallego, que teve a pouca vergonha de me levar mais meio tostão porque o animal-sinho era muito arisco, e tomei conta outra vez do Lulu.

Mas, ali á scena do gallego juntára em volta do cão uma quantidade do garotos que não me deixaram mais em paz. Á cada pessoa que passava punham-se todos em córo para o Lulu:

—Ah! Kss!... ah! Kss!... que é thalassa!...

E o diacho do animal ladrava, ladrava, que parecia que andára toda a sua vida pelos comícios republicanos.

Por fim appareceu a Chica. Vinha fular.

Secamente tirou-me da mão a correeira do animal, e com um: *Não nerves para nada!* sibillento, enfiou para o primeiro trem que appareceu, enquanto os garotos em volta continuavam atacando o estafemoro do cão, que não parava de ladrar.

Nessa noite não conseguí fallar á Chica, e na manhã seguinte cahiu-me a alma aos pés, quando a creada me entrou no quarto com o Mundo, que o guarda-portão lhe emprestára para que eu lesse uma noticia que lá vinha a meu respeito e que dizia assim:

Cão anti-clerical—*Foi hoitén muito apreciada á entrada da igreja da Magdalena um fornoso cãozinho, que,—demonstrando muito mais intelligencia que certos estupidos creaturas que com as suas corrollas deshonram a dignidade humana,—enfurecidamente investia com as beatas, thalassas e canastras que sahiam do templo. Dissem-nos que o intelligente animal pertence ao sr. Anselmo da Conceição, verdadeiro patriota e espirito esclarecido, adereo a todas essas mentiras em que chafurda a malta clerical.*

Tive um ataque de fúria e por momentos senti-me duplamente Baeta, porque senti ganas de matar o cão e do matar o jornalista.

Como consequent?

Anselmo.

## Um pouco de tudo

— Esteve no Porto o sr. Barão de Cadóro.

— Já regressaram ao seu solar os nobres Condes da Borralha.

— Estão em Hespanha a senhora D. Fernanda de Magalhães e Menezes Wan-Zeller e seu marido, o sr. Fernando Wan-Zeller.

— Esteve em Lisboa o nosso amigo Cypriano Canavarro d'Almeida e Brito.

— Estão em Lisboa, demorando alguns dias, os nossos amigos Antonio Bernardo Ferreira, Francisco Figueiredo Cabral, Francisco Wan-Zeller Pereira Cabral e João d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres.

— Regressou quinta-feira ao Porto o nosso amigo João Paulo Sampaio Mexia (Pombeiro).

— Está em Vigo o distincto engenheiro e nosso amigo sr. Luiz Wan-Zeller Cabral, acompanhado de sua esposa a senhora D. Maria Rebelo Valente Cabral.

— Realiza-se amanhã o casamento da senhora D. Maria Basília Freire de Albuquerque Soares d'Albergaria, interessante e gentilíssima filha da senhora D. Anna de Magalhães Freire e do illustre lente da Universidade de Coimbra sr. Dr. Basílio Freire, com o nosso amigo, intelligente alumno da Universidade, sr. Alvaro Pinto de Magalhães (Alijó), filho dos senhores Viscondes de Alijó.

— Está marcado para meados de abril um festa hyppica organizada pelo Centro Hyppico do Porto, no Campo do Bessa.

## Carta de Lisboa

Ainda lá está muita coisa no sacco!

Foi esta, a phrase ameaçadora do chefe do governo, hontem no Senado, quando ali chegou, ofegante, a suor, morto de cansaço e não sabemos se empoecerado, transportando da Camara dos Deputados o projecto de lei que manda cobrar já as duas primeiras prestações da contribuição predial.

Quer dizer: o sacco está cheio, e é só metter lá a mão e tirar o que se quiser, por mais arbitrario, por mais illegal e por mais attentatorio que seja dos direitos de cada um. O parlamento curva-se reverente e submisso a tudo quanto elle quer, e os mais envergonhados pela accção deprimente e ridicula do corpo legislativo limitam-se a explicar baixinho que é preciso não o deixar ir embora. E como se não quer que elle caia, toca a apprová-lhe tudo, sem olhar nem a praxes, nem a conveniencias, nem a direito, nem a justiça. Tudo isso são verdadeiras ninharias em face da sua vontade omnipotente!

Nada, que a Republica não pode viver sem dinheiro, nada, que o Estado precisa de dinheiro, exclama elle muito de rijo nas duas casas do Parlamento, variando apenas a phrase de Yago, e o dinheiro só se obtém pelo imposto ou pelo emprestimo!

O emprestimo estão os senhores a vêr que é impossivel; portanto vamos ao imposto, e mais não explica!

Que serie de locuções não representará esta simples explicação, feita a correr, n'um minuto apenas, diante de um parlamento atonito! Surge o estadista desgredhado, macilento, de grandes olheiras por uma noite perdida a pensar como no dia seguinte ha-de arranjar dinheiro. Os agiotas não emprestam mais nada, e no entanto é preciso dinheiro, muito dinheiro. O estadista ouve uma a uma todas as horas da noite, n'uma insomnia medonha, pensa, torna a pensar, parafusa, peracruta, e de repente, quando por pouco va a succumbir á fadiga e ao frio, precisamente no momento em que rompe a aurora e a claridade do dia começa a entrar, como que a medo, pelas frestas

das janellas, dá um pulo na cama, senta-se, assôa-se, apura o pigarro, acende a vela da palmatoria e grita para a familia: — já sei onde se ha-de ir buscar dinheiro. E pedindo uma simples folha de papel almaso, traça um projecto de lei, muito simples, muito curto, muito claro: «pela lei de 4 de maio de 1911, o contribuinte tem o direito de pagar, em prestações, a sua decima predial, mas o Estado precisa de dinheiro, e substitue-se esta facultade pela obrigação restricta de ir já e a correr, pagar não só a primeira prestação, mas a segunda tambem!»

Que importa saber se o contribuinte tem recursos para esse pagamento! Arranje-os, e como a lei considera, vencida a segunda prestação e não paga a primeira, relaxada a contribuição, é andar ligeiro porque se não executa-se!

Esfregando as mãos de contente, o estadista manda o secretario copiar o projecto e vae para o trabalho. Até ás quatro horas, recebe visitas, conversa com os amigos, despacha cousas, e a correr, ahi pelo entardecer, mette-se no automovel e bate para S. Bento. Sobe a correr a escadaria de pedra, toma logar no ascensor, mal cumprimenta os continuos fardados de novo, e entra na sala. Pede a palavra. Faz-se o silencio respeitoso imposto pelos dictadores, ainda os mais mal disfarçados, e o orador apresenta o projecto. Pede a escusa do regimento, a dispensa da leitura, a approvação immediata, a dispensa da ultima redacção. Regimento, praxes, leis, tudo se esquece. O que é preciso é votos.

E os deputados votam, á uma, sem um protesto, sem uma reflexão, sem um reparo!

O estadista torna a metter o projecto na pasta e desata a correr para o Senado. Ahi, ainda se ouvem duas vozes discordantes, ainda alguém esboça ligeiramente umas phrases de duvida, mas o estadista cada vez mais apressado grita-lhes lá do banco ministerial:

— Ainda lá está muita coisa no sacco!...

E com aquelle seu sorrisinho escarecedor, acrescenta de mão aberta, a mandar esperar:

— Verão! verão!

E não vêr. Vota-se a proposta, um senador pede que ella seja dispensada de ir á commissão de redacção, e então dá-se um golpe terrivel, verdadeiramente theatral! No meio de um grande silencio, do alto da sua cadeira, o presidente volta-se para o chefe do governo e pergunta:

— Tambem não foi na Camara dos Deputados?

— Não senhor.

E dispensa-se a ultima redacção!... Em menos de duas horas, num abrir e fechar d'olhos, em meia duzia de linhas, esfarrapa-se uma lei, surripia-se uma facultade concedida ao contribuinte que é o paiz e disse-se-lhe: Arranje-se como quiser e vá pagar duas prestações da sua decima, porque se não o fisco cae-lhe em cima e põe-lhe em praça a propriedade.

E o contribuinte que vê a sua propriedade abandonada pelo rendeiro que emigrou, que não encontra novo inquilino, que não sabê como a ha-de valorisar, dá tragos á imaginação para arranjar dinheiro e ir pagar a contribuição, dez vezes maior agora que nunca, no tempo em que lhe rendia alguma coisa!

Mas pague e não bafe, porque... ainda lá está muita coisa no sacco!

Quarta-feira, 26.

Raul.

## Na Guiné

Por Frederico Pinheiro Chagas

(2.ª edição) Brevemente á venda.

## Anuncios

Herminio Pereira da Silva Pinto  
TORRES NOVAS  
COMMISSARIO DE VINHOS E AZEITES

Especialidade em vinhos tintos  
de 12 a 15 graus

Compra e venda á commissão  
e de conta propria

Alvaro Pinheiro Chagas (Anselmo)

Alvaro Pinheiro Chagas (Anselmo)

Notas  
d'um Lisboaeta

2 bellos volumes

Preço 1\$200 reis

A' venda

nas principaes Livrarias.

PÃO DE GRAÇA

Aos medicos, medieas, parteiras e hospitaes fornecemos o necessario para analyse e experiencia nos tratamentos dos diabeticos, disepticos, tuberculosos e anemicos. O pão de *Gluten* é o mais leve e mais fino e tem sido empregado com optimos resultados.

Basta um simples postal para ser logo fornecido.

Unico concessionario em Portugal e Hespanha — Manuel J. Ferreira Valente — PADARIA NACIONAL — Rua de Liceiras, 140 e 144 (e suas filiaes).

Atelier de Roupa Branca  
M. d'Aguiar Leitão  
Proprietaria e directora:  
Marqueza Izabel d'Aguiar Leitão

Fabrica e deposito de roupa branca para homem, senhora e creança

Os mais elegantes modelos em roupa branca de senhora, (especialidade d'esta casa).

ENXOVAES PARA CARAMENTO. ENXOVAES PARA BAPTISADO.

BRINDES A TODAS AS NOIVAS

20, Praça da Batalha, 22 — PORTO (A' entrada da R. de Santo Ildefonso)

CIGARROS  
Presidente ARRIAGA

Fina mistura de tabaco havano  
A marca de maior successo em Portugal

Cuidado com varias marcas  
imitações d'esta famosa marca

## HEROES DE CHAVES

Nova marca de cigarros  
Manipulados com finissimo tabaco  
havano suave

SUCCESSO COLOSSAL

Em todas as tabacarias  
15 CIGARROS, 90 REIS

## PERFUMARIA FINA

Praça de D. Pedro, 401  
LISBOA

Recebeu novo sortimento de essencias finas para o lenço e banho, sabonetes o pós do arroz finissimos, boa agua de Colonia Florida e preparados garantidos para o cabelo, dando a cor natural; sortimento de elixires, pasta e pós dentificos.

LEGITIMOS  
CIGARROS D'ALGER

PERFUMES de Salon

CREMES d'Herbe Divine

Universalmente conhecidos como os mais hygienicos

Não affectam a garganta  
Cuidado com as imitações que a fama mundial d'estas marcas tem provocado.

Joaquim Leitão

OS CEM DIAS  
FUNESTOS

(Processo e condemnação do ultimo presidente do conselho de 1910, Antonio Teixeira de Souza e do seu livro «Para a Historia da Revolução»)

Um volume de 550 paginas illustrado

PREÇO 1\$000 REIS

A' venda nas principaes livrarias

## ESTOFOS, MOVEIS E TAPETES

Deposito de capachos de côco e pita

### Carvalho & Figueiredo

409, Rua do Sá da Bandeira, 409

(PARTE NOVA)

Em frente ao Bolhão

PORTO

### EMPRESA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

PARA A COSTA  
OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel; para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empresa

RUA DO COMMERCIO, 85—LISBOA

### Magalhães & Moniz, L.<sup>da</sup> LIVRARIA EDITORA

Depositaris da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencia e lettras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações.  
Correspondentes em todo o mundo.

CASA FUNDADA EM 1863

11, Largo dos Loyos, 14—PORTO

## COMPANHIA DO GAZ DO PORTO

Distribuição de Coke a domicilio

Por cada 15 kilos (uma arroba) . . . . . 200 reis  
Por cada 600 kilos (um carro). . . . . 8\$000 reis

Posto em casa do consumidor, dentro da area da cidade do Porto.

PESO GARANTIDO

SATISFAZEM-SE PROMPTAMENTE

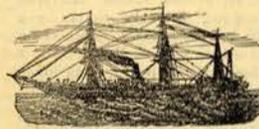
todos os pedidos de Coke que lhe forem feitos ou por meio do correio, ou em requisição verbal nos seus escriptorios da Praça Carlos Alberto, 71, ou na fabrica, no Ouro.

## Cimentos

NACIONAES  
E ESTRANGEIROS

Vantagens excepcionaes para grandes fornecimentos  
e contractos annuaes, etc.

J. WIMMER & C.<sup>a</sup>  
LISBOA



COMPAGNIES  
DE NAVEGATION

SUD-ATLANTIQUE

**Linha postal.** Para Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres, com escala por Dakar  
A 8 de Abril o paquete *Valdivia*.  
A 22 de Abril o paquete *La Gasconne*.

**Linhas commerciaes.** Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 16 de Abril o paquete *Seguana*.  
Para Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres.

A 1 de Abril o paquete *Garonna*.

**K. H. Lloyd (Mala Real Holandesa)**

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres.

A 7 de Abril o paquete *Hollandia*.

A 28 de abril o paquete *Frisia*.

Para Vigo, Boulogne, Paris, Dover, Londres e Amsterdam.

A 9 de Abril o paquete *Frisia*.

A 29 de Abril o paquete *Zelandia*.

**Linha Cyp. Fabre & C.<sup>o</sup>**

Para Providence e New-York, e mais cidades dos E. Unidos da America do Norte com escala por S. Miguel, Terceira e Fayal. A 26 de Abril o paquete *Roma*. A 5 de Abril o paquete *Germania*.

Preço das passagens em 3.<sup>a</sup> classe para New-York, Boston, New-Bedford, etc., quarenta e dois mil reis e para S. Francisco da California, Libras 22-0-10.

Para Marselha. A 11 de Abril o paquete *Roma*.

Para carga e passagens e mais esclarecimentos trata-se com

OREY ANTUNES & C.<sup>o</sup>

NO PORTO EM LISBOA  
Largo de S. Domingos, 62-1.<sup>o</sup> Praça Duque da Terceira, 4.

Recommendamos as excellentes e magnificas PENNAS

## D. CARLOS I e D. MANOEL II

em bonitas caixas com artisticas photographias de Suas Magestades

Fabricação exclusiva dos fabricantes inglezes **D. LEONART & C.<sup>o</sup>**

Vendem-se nas boas papelarias de Portugal.

### Dr. M. Forbes Costa

CHIRURGIÃO DOS HOSPITAES  
Antigo assistente das clinicas de Paris,  
Berlim, Londres e Vienna

Doenças genito-urinarias,  
venereas e syphiliticas

Diagnostico e tratamento da syphilis pelos processos mais modernos, especialmente pelo salvarsan (606) e neo-salvarsan.

Praça da Liberdade, 124-1.<sup>o</sup>

DAS 2 ÀS 5 HORAS

Telephone, 143

COMPANHIAS DE SEGUROS

La Union y el Penix Español  
de Madrid

Union Maritime de Paris

Mannheim de Manheim

Seguros sobre a vida, incendio, explosão de gaz, de machinas, rulo, rendas em caso de incendio, maritimos postaes e transportes de qualquer natureza.

LINA MAYER & C.<sup>a</sup>

R. da Prata, 59-1.<sup>o</sup>—LISBOA